

VIII CONGRESSO DA ABRALIC  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte, 23 a 26 de julho de 2002.

Simpósio

## **CLIVAGENS SOCIAIS E REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA: OS GRUPOS MARGINALIZADOS NA LITERATURA BRASILEIRA**

Coordenadora do simpósio: Regina Dalcastagnè ([rdal@unb.br](mailto:rdal@unb.br))

De forma crescente, os estudos de literatura e o próprio fazer literário se tornam conscientes dos problemas associados ao *lugar da fala*: quem fala e em nome de quem. Impõem-se as questões correlatas, mas não idênticas, da legitimidade e da autoridade (palavra que, não por acaso, possui a mesma raiz de “autoria”) na representação literária. O simpósio se estabelece sobre este conjunto de questões, discutindo e problematizando o espaço, na literatura brasileira, dos grupos marginalizados – entendidos em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valorização negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério. O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar *em nome* dos marginalizados, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística. O simpósio propõe esta temática com abordagem ampla, tanto no que diz respeito ao recorte cronológico quanto às perspectivas teórico-metodológicas.

### **MESA REDONDA 1: Espaços urbanos**

manhã de quarta-feira, 24 de julho

coordenadora: Maria Sílvia Betti ([marris@macbbs.com.br](mailto:marris@macbbs.com.br))

#### **“Encantos e perigos do *outro* extremo: a construção ideológica da alteridade nos textos de João do Rio”**

Prof. Dr. João Freire Filho (UFRJ) ([jofreirefilho@starmedia.com](mailto:jofreirefilho@starmedia.com))

Examino, neste trabalho, as manobras retóricas e metafóricas das ficções, crônicas e reportagens de João do Rio que pretendem representar a ambiência sócio-cultural dos *bas-fonds* cariocas, salientando a relação dessas estratégias discursivas com o horizonte de expectativas do público leitor. Argumento que os textos do autor carioca (tentativas de conferir uma identidade e uma imagem pública aos pobres e à pobreza) são um local de contradições, de desejos conflitantes, refletindo mais as aflições, as inseguranças políticas, culturais, morais e sexuais das camadas aburguesadas da capital, do que a pretensa “índole” da turba.

#### **“João do Rio: de que Rio? qual João?”**

Profª Drª Maria Isabel Edom Pires (UnB) ([isabel@unb.br](mailto:isabel@unb.br))

João do Rio é, por muitos caminhos, um marginal. No auge do beletismo brasileiro, faz-se notar por meio de um gênero fronteiro e periférico. Numa ambiente repressor, exibe sua excentricidade e exotismo. Por meio das crônicas e das reportagens, expõe o submundo do Rio de Janeiro, perfilando figuras que as letras brasileiras preferiam não mencionar, senão filtradas pelo olhar naturalista. Há muitos motivos, nas crônicas de *A alma encantadora das ruas*, para notar a distância que o separa daqueles em nome de quem fala. Acusam-no de investigar os

personagens urbanos por curiosidade e excentricidade. Entretanto, como este trabalho pretende discutir, pode-se notar, entre o relato sobre o excluído e o portador da fala, a figura do jornalista a quem tanto serviram as benesses da vida literária, como a aproximação investigativa com os que habitam o não-lugar na cidade modernizada. Pretende-se tratar, portanto, sobre a legitimidade do relato jornalístico de João do Rio, entrecruzado que está com o mundo das letras e com as vozes que a cidade teima em calar.

#### **“Perambulando pela cidade: deslocamentos espaciais e temporais”**

Maria do Carmo de Oliveira Moreira dos Santos (PUC-MG) ([maduoms@bol.com.br](mailto:maduoms@bol.com.br))

O trabalho pesquisa a imbricação entre o narrador e a cidade, que se abre como um texto, mostrando o espaço urbano como um espaço de rupturas, de esfacelamento, de conflitos e de tensões. Nessa perspectiva, o referido trabalho baseia-se numa análise comparativa das obras *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio, e *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, buscando perceber, através delas, a construção da cidade textualmente edificada. Ambas as obras relatam histórias do cotidiano das metrópoles com suas personagens, apresentam uma pluralidade de vozes, que se concretizam tanto no nível do enunciado como da enunciação. Assim, as obras exibem textos múltiplos, que dialogam entre si, apresentando ao leitor imagens fragmentadas, caóticas do espaço urbano, corroborando a idéia do narrador como mediador das vozes sufocadas pela sociedade urbana contemporânea.

#### **“Um olhar literário sobre a cidade”**

Maria Tereza Carvalho Raimundo (PUC-MG) ([marterramundo@ig.com](mailto:marterramundo@ig.com))

O trabalho insere-se em um projeto maior, intitulado “Lugares críticos: exclusão e resistência na narrativa”, que estuda relatos da população de rua, em sua relação com os textos literários que têm como objeto esse segmento excluído. Partindo desses pressupostos é que se analisa o conto “A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro”, de Rubem Fonseca (1992), tomando o trânsito do protagonista como uma metáfora da vida social, com o intuito de perceber o lugar ocupado pelos excluídos no espaço e tempo da pós-modernidade. A cidade aparece, então, como um hipertexto em seus múltiplos sentidos que se bifurcam nos espaços físicos e mentais, como *nós* presentes na narrativa que se revelam nos mapas da urbe. Nessas margens da polis, o autor-implícito indica que o texto cidadão já não possui um centro, tudo se desloca e aflora na superfície da cidade dos cartões postais. Nesse sentido, pode-se inferir que o conceito de submundo já não basta para olhar a cidade, pois não há espaços ocultos, tudo se dá a ver.

### **MESA REDONDA 2: Etnias**

tarde de quarta-feira, 24 de julho

coordenador: João Freire Filho ([jofreirefilho@starmedia.com](mailto:jofreirefilho@starmedia.com))

#### **“Intelectuais e minorias em *A expedição Montaigne*”**

Prof. Henrique Roriz Aarestrup Alves (Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo) ([hraalves@yahoo.com](mailto:hraalves@yahoo.com))

No romance *A expedição Montaigne*, de Antonio Callado, pode-se perceber toda uma preocupação referente à situação dos indígenas no Brasil. Este processo de aculturação é tratado de uma maneira singular pelo romance, através de uma linguagem carregada de um humor que ironicamente revela a seriedade e a gravidade da situação contemporânea dos indígenas brasileiros.

#### **“Suprimindo o tempo”**

Profª Drª Cilaine Alves Cunha (USP) ([cilaine@usp.br](mailto:cilaine@usp.br))

O trabalho aborda o texto de Álvares de Azevedo, “Literatura e civilização em Portugal”, como

uma estrutura ironicamente reflexiva, dirigida contra a disseminação, no meio letrado da época, da idéia de autonomização da literatura brasileira em relação a Portugal. Um dos traços inerentes ao indianismo que mais se prestou ao deboche de Álvares de Azevedo foi o gesto de constituir o índio como elemento diferenciador da literatura brasileira. Gesto este que, ao se assentar numa concepção moralmente evolutiva e numa ancestralidade da “raça”, diversa da européia, forneceu ao poeta o contraponto para que formulasse outra interpretação da história e da autonomia da literatura brasileira.

#### **“Literatura indígena no Brasil: da oralidade à escrita eletrônica”**

Prof. Dr. Edson Luiz de Oliveira (USP/UNEMAT) ([edinho@rocketmail.com](mailto:edinho@rocketmail.com))

Tradicionalmente, na literatura de língua portuguesa praticada no Brasil, a imagem do índio aparece em destaque em pelo menos três momentos importantes. A começar com as crônicas e relatos dos viajantes, inaugurados pela carta de Pero Vaz de Caminha, fase que se caracteriza pelo olhar do europeu sobre o nativo da terra como objeto (olhar distante). Num segundo momento, já na fase de consolidação da nação brasileira, nos romances e poemas dos autores indigenistas do século XIX, que buscavam no índio idealizar o elemento de identidade nacional. Depois, reaparece nos textos dos modernistas, os quais, não muito distante da tradição romântica, buscam, mais uma vez, apropriarem-se dos elementos da cultura indígena a fim de valorizar o seu movimento de vanguarda com reivindicações originais. Hoje em dia, no revés da globalização, a temática do índio na literatura brasileira retorna com toda força. No entanto, são bem diferentes as questões envolvidas. No momento em que se pretende conceder ao índio sua emancipação da tutela secular, os índios lutam pelo direito à própria imagem. Povos recém saídos da oralidade começam a contar a sua história e a fazer literatura na língua materna e em edições bilíngües, em português e em inglês. Destacamos esse momento de emergência de uma nova literatura, povos que passam da tradição oral diretamente para a era da escrita eletrônica. Nesse simpósio pretendemos discutir essa passagem no momento mesmo em que ela está ocorrendo.

#### **“Alteridade simbólica e representação étnica”**

Stella Montalvão Ferraz (UnB) ([StellaMont@hotmail.com](mailto:StellaMont@hotmail.com))

A proposta neste trabalho é desvelar, a partir de uma perspectiva baseada nos conceitos de *poder simbólico* e *violência simbólica* de Pierre Bourdieu, a forma pela qual o dominador constrói a representação de si mesmo e, por contraposição, constrói também a representação do dominado, outorgando-se, por esse processo, a autoridade necessária para o exercício pleno da violência simbólica. Essa discussão tem como *corpus* de análise o processo de valorização negativa do negro no conto “Eu, um homem correto”, de Murilo Carvalho.

### **MESA REDONDA 3: Vozes das margens**

manhã de quinta-feira, 25 de julho

coordenadora: Maria Isabel Edom Pires ([isabel@unb.br](mailto:isabel@unb.br))

#### **“A questão da representação e o romance brasileiro contemporâneo”**

Pascoal Farinaccio (Unicamp) ([pascoalf@hotmail.com](mailto:pascoalf@hotmail.com))

Este trabalho propõe uma reavaliação das teorias mais recentes sobre a “representação da realidade” na literatura, com destaque para as posições ditas desconstrutivistas. Criticamo-las aqui em favor de uma perspectiva que, sem descurar do caráter *produtivo* da linguagem, não se abstenha de pensar também as relações do texto com as suas referências extralingüísticas. Pretende-se, noutros termos, sugerir uma linha de reflexão que refute a um só tempo a concepção reflexológica da representação literária (a *mimesis* no sentido restrito e restritivo de *imitatio*) e a dissolução da materialidade das formas sociais contemporâneas na categoria abrangente de “narrativa” (dissolução que compromete, a nosso ver, a apreensão da possível

criticidade do texto em relação a seus referentes preexistentes). Complementa o esforço teórico a análise crítica de três romances brasileiros contemporâneos, a saber *O nome do bispo*, de Zulmira Ribeiro Tavares, *O livro do avesso*, de João Silvério Trevisan, e *A céu aberto*, de João Gilberto Noll. Forma narrativa mais próxima de uma *mimesis* da realidade cotidiana, considerada nos seus aspectos socio-econômicos, o romance se apresenta como o objeto literário mais apropriado para análise da questão da representação, conforme tentamos defini-la.

#### **“Vozes nas sombras: autenticidade e legitimidade na representação de grupos marginalizados”**

Profª Drª Regina Dalcastagnè (UnB) ([rdal@unb.br](mailto:rdal@unb.br))

Em *La distinction* (1979), Pierre Bourdieu observa que, quando querem se fazer ouvir, os dominados precisam optar entre expressar uma voz “autêntica”, mas com pouca legitimidade social – e que, portanto, tende a ser desprezada –, ou aderir aos modos do discurso dos dominantes, com o que acabam traindo a experiência vivida que desejavam registrar. Embora o sociólogo francês estivesse escrevendo a respeito do campo político, o dilema é perceptível também na literatura. O trabalho vai analisar, sob esta perspectiva, a obra de escritores julgados “autênticos”, como Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins e Ferréz, comparando-a com autores que ocupam posições dominantes no campo literário brasileiro, mas que têm a pretensão de reproduzir a voz dos marginalizados, como João Antônio, Rubem Fonseca e Dalton Trevisan.

#### **“Alma e voz para os que estão à margem”**

Vera Lúcia Cardoso Medeiros (UFRGS) ([vcmed@uol.com.br](mailto:vcmed@uol.com.br))

O presente trabalho propõe-se a analisar o modo como a escritora Clarice Lispector focalizou indivíduos e grupos marginalizados em sua obra. Além da nordestina Macabéa, representantes de outros grupos situados à margem do sistema econômico, social e cultural brasileiro habitam a ficção de Lispector. Sem abdicar de seu estilo peculiar, a autora revelou a subjetividade desses indivíduos e, por caminhos tortuosos, promoveu, em muitos casos, contatos e confrontos significativos não só para o funcionamento da sociedade brasileira, mas também para o sistema literário do país.

#### **“Guimarães Rosa ou uma poética da voz”**

Cléa Corrêa de Mello (UFRJ) ([cléa.mello@infolink.com.br](mailto:cléa.mello@infolink.com.br))

O trabalho pretende estudar a ficcionalização da oralidade em Guimarães Rosa – eixo de uma verdadeira “poética da voz” empreendida pelo autor –, bem como analisar as implicações dos vetores selecionados ao longo dos anos para o estudo deste tema. Como ponto de partida, levanto as estratégias de inscrição da oralidade na novela “O recado do morro” – cruciais para a gênese de uma peculiar resposta discursiva ao desafio de representar esteticamente nossa heterogeneidade cultural. Esta narrativa urde estórias da tradição oral, trovas e canções e o recurso a estes elementos, para além da funcionalidade no que se refere à economia interna da ficção, viabilizaria a expressividade de um projeto estético-político empenhado em mediar a fala de grupos subalternos, dissolvendo as assimetrias tradicionalmente estabelecidas por artistas e críticos entre o discurso oral e a escrita. Rosa criou um texto capaz de desestabilizar as práticas hierárquicas que sujeitam a oralidade à escrita, o popular ao culto, a multiplicidade à homogeneidade. Além disso, a abordagem destes aspectos agonísticos permite uma rearticulação do social e do histórico no campo dos estudos literários, uma vez que o escritor mineiro elaborou, como poucos, um discurso que aborda as contradições e os antagonismos de nossa formação social, permitindo que avaliemos os efeitos da transculturação característicos da experiência colonizadora.

#### **MESA REDONDA 4: Exclusão e marginalidade**

tarde de quinta-feira, 25 de julho

coordenador: Alejandra Mailhe ([jjbalsa@isis.unlp.edu.ar](mailto:jjbalsa@isis.unlp.edu.ar))

##### **“Literatura e marginalidade: o caso de *Cidade de Deus*”**

Claudia Quiroga Cortez (UnB) ([quiroga@unb.br](mailto:quiroga@unb.br))

Os grupos marginalizados no Brasil sempre estiveram presentes na sociedade, desde a sua construção, mas nem sempre foram escutados, vistos ou inseridos nela. Os setores dominantes da sociedade e os governos, às vezes, têm mostrado interesse em inseri-los na sociedade, mas nem sempre com bons resultados. No campo das artes, particularmente a literatura, esses grupos têm sido resgatados para mostrar uma outra face, não dominante, da sociedade brasileira. São muitos os exemplos nos quais a literatura tem focalizado os grupos marginais, desde o século XIX, com “A alma encantadora do Rio”, de João do Rio, e os romances e documentos jornalísticos de Lima Barreto, até o romance *Cidade de Deus* de Paulo Lins no final do século XX. Neste último, que vai ser discutido aqui, o autor fala em nome dos grupos marginais sem fazer parte deles. Todavia, o autor não apenas representa essas vozes, mas também mostra toda uma forma de vida e, ainda mais, uma visão do mundo, muitas vezes desconhecida pelos outros membros da sociedade. Este trabalho tem o propósito de analisar a distância que separa o autor daqueles que são objeto de sua narrativa. Uma das novidades deste caso é ser um romance baseado ou produzido a partir de um trabalho de campo, o que lhe dá uma certa dimensão etnográfica/realista, diminuindo as distâncias entre o mundo do autor e o mundo dos favelados. Isto, por sua vez, pode ter repercussões na qualidade literária do texto e uma repercussão social também. Portanto, esta fala vai discutir a problemática da função social da literatura na dividida sociedade brasileira contemporânea.

##### **“A palavra que vem da prisão”**

Tatiana Souza Guedes (UnB) ([tguedes@unb.br](mailto:tguedes@unb.br))

A proposta do trabalho é analisar as produções musicais de rap feitas no CIR Papuda, penitenciária masculina do Distrito Federal. A partir de pesquisas realizadas nessa penitenciária, entrei em contato com três grupos de rap: Antecedente Criminal, Evolução Carcerária e Fechado Sistema. Atualmente, apenas o Antecedente Criminal, composto por dois detentos, continua seu trabalho e irá gravar um CD ainda esse ano (2002). Partindo do pressuposto de que as letras de músicas são textos literários que falam da realidade experimentada, como também a transcendem, pretende-se compreender essas letras de rap como um registro legítimo da realidade social vivida em um presídio. Com frequência, os sujeitos que estão nos presídios são silenciados devido a sua condição social, a sua transgressão e também a sua cor (na maioria são negros), ou seja, são silenciados por viverem em uma situação completamente subalterna em relação ao discurso legitimamente aceito. Dessa forma, a análise das letras de rap de presidiários pode iluminar-nos acerca de uma “outra fala”, na medida em que representam um mundo totalmente contrastante ao mundo da ordem, do discurso socialmente aceito. O acesso a essa “outra fala”, aqui representada nas letras de rap, é de imensa importância porque rompe as barreiras no mundo monológico e nos humaniza.

##### **“Autores na prisão, presidiários autores”**

Profª Drª Andrea Saad Hossne (USP) ([andrea\\_hossne@uol.com.br](mailto:andrea_hossne@uol.com.br))

A história da literatura está repleta de manifestações literárias nascidas de situações de encarceramento. Escritores, pelos mais diversos motivos, experimentaram na privação da liberdade os avessos e a má-consciência da civilização ocidental. Lançaram mão de sua arte e nos legaram obras marcantes, que ocupam no conjunto de suas produções lugares às vezes de destaque: seja no enquadramento ficcional da experiência autobiográfica de Dostoiévski na

Sibéria; seja no diário eivado de tentativas ficcionais de Lima Barreto no hospício, para o qual, numa das internações, foi levado num camburão de polícia; seja nas memórias de Graciliano Ramos sob as arbitrariedades do Estado Novo, não faltam exemplos do que a pena de grandes escritores pode testemunhar e representar na prisão, qualquer que seja.

Entretanto, revela-se nos últimos anos no Brasil uma outra faceta da relação entre a prisão e a escrita. Contundentes, as obras, quase todas subseqüentes ao famoso Massacre do Carandiru, marco do trânsito entre barbárie e civilização a que o sistema penal brasileiro confere representação, colocam-se, em sua maioria, sob o vasto campo do relato de testemunho, do depoimento, do documental. Em alguns casos, a vinculação com a arte se faz por via do rap, como o *Diário de um detento*, de Jocenir, também um rap de Mano Brown. O interesse dessa produção é evidente. São excluídos, marginalizados, alteridades da sociedade brasileira se constituindo em voz. O estatuto dessa voz é tarefa crítica determinar. Em um caso, porém, o estatuto é claramente literário. Os avessos e as vicissitudes da sociedade brasileira levam um homem ao crime, do crime à prisão, e ali nasce primeiro o leitor, de Tolstói, Dostoiévski, entre outros, depois da filosofia, de Aristóteles a Sartre e, por fim, o escritor. A exclusão vira literatura e como tal deve ser abordada. Seu diálogo amplo se faz com a sociedade e sociabilidade brasileiras sob seus aspectos mais nefastos e com um amplo repertório da tradição literária, no qual, para o recorte deste momento, interessam essas *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes (2001) em suas aproximações e contrapontos com as *Recordações da casa dos mortos*, de Dostoiévski (1861).

#### **“Pavilhão 5 e Babilônia: processos de trabalho do grupo teatral Folias d’Arte na reflexão cênica sobre a exclusão e a marginalidade”**

Profª Drª Maria Sílvia Betti (USP) ([marris@macbbs.com.br](mailto:marris@macbbs.com.br))

O Grupo Teatral Folias d’Arte caracteriza-se pela natureza formativa e reflexiva de seu trabalho, e pelo projeto de ação cultural que desenvolve, tanto no contexto do Movimento dos Sem Teto do Centro Velho de São Paulo como no interior do movimento teatral profissional, no qual vem pesquisando ativamente as perspectivas dramatúrgicas e cênicas voltadas à construção de uma prática teatral épica. *Pavilhão 5 e Babilônia*, de Reinaldo Maia, são trabalhos representativos dentro desse processo, e constituem, do ponto de vista formal, representações originadas pelo desejo de produzir uma reflexão artística e politicamente coerente da exclusão e da marginalidade, materializando-a através da efetiva interlocução com o universo de seus representados. Este trabalho se propõe a relatar as duas experiências e a empreender um balanço crítico de suas constatações.

#### **MESA REDONDA 5: Afirmações da alteridade**

manhã de sexta-feira, 26 de julho

coordenadora: Andrea Saad Hossne ([andrehossne@uol.com.br](mailto:andrehossne@uol.com.br))

#### **“Vozes da loucura na literatura”**

Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva (UnB) ([guilhermefelipe@terra.com.br](mailto:guilhermefelipe@terra.com.br))

Loucura e literatura mantêm entre si muitos pontos de contato, que passam pela primazia da imaginação como raiz comum aos dois fenômenos até a questão da linguagem como elemento fronteiro entre eles. A contemplação do tema da loucura em inúmeras obras literárias e um posicionamento privilegiado para a personagem ensandecida espelha o reverso do que ocorre no espaço social, onde o louco continua sendo uma voz abafada e uma presença esquecida, rejeitada, estigmatizada. O trabalho se detém nas obras *O exército de um homem só*, de Moacyr Scliar, e *Armadiilha para Lamartine*, de Carlos e Carlos Sussekind, nas quais as personagens assumem a loucura como sua verdade, que passa a ser também a verdade da obra e em função dela move-se todo o complexo narrativo. A loucura deixa de ser dominada como objeto de conhecimento científico e uma diferença a partir da qual se acusa, julga e

condena o indivíduo a uma existência marginalizada. Ao abordar a loucura a partir de suas origens e de seu significado dentro de paradigmas ideológicos e sociais, a ficção literária constrói um espaço privilegiado de representação e expressão do louco, propiciando a reflexão sobre o problema como manifestação de conflitos inerentes à condição humana.

#### **“Raquel-guerreira dos anos 70 dá as mãos à Guiomar-donzela-guerreira medieval e também à bíblica Débora da Antigüidade”**

Profª Rosa Walda Abreu Marquart (Universidade de Santo Amaro) ([rosabrmr@yahoo.com.br](mailto:rosabrmr@yahoo.com.br))

Em todos os tempos a mulher procura lutar pelo seu espaço na sociedade. Raquel, a pré-adolescente de *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, sonhadora e tenaz em seus propósitos, assume-se uma *guerreira da palavra*. Questionando a si mesma, bem como ao mundo que a cerca, aprende a se autovalorizar, assim como luta para entender o grupo social ao qual está inserida. A protagonista, com suas três *vontades gordas* (ser menino, crescer logo e tornar-se escritora) representa a aspiração da mulher massacrada pelo preconceito dos anos 70. Para fugir ao estigma da marginalização, ela sonha em mudar sua realidade e poder expressar livremente seus anseios através da narrativa. Em relação ao caráter guerreiro, Raquel pode ser comparada à juíza bíblica Débora, bem como à *donzela-guerreira*, cuja história tem percorrido os tempos e diversos recantos do mundo e que ressurge na figura de Guiomar, a personagem principal de *Donzela que vai à guerra*, do escritor português António Torrado. As três protagonistas enfrentam a guerra (ou situações probantes que se assemelham a conflitos bélicos) a fim de ser respeitadas e de também atuar em favor do *outro*. Débora, Guiomar e Raquel bem podem representar a mulher lutadora na Antigüidade, na Idade Média e nos nossos dias.

#### **“Ser mulher na ambigüidade/alteridade machadiana”**

Anélia Montechiari Pietrani (UFF) ([palves@predialnet.com.br](mailto:palves@predialnet.com.br))

As personagens femininas de Machado de Assis são ambíguas, sedutoras, determinadas, decididas. Põem abaixo pesados muros da divisão sexual e social. Dessacralizam o caráter aurático e simbólico da mulher-mãe que os “lugares culturais prontos” pareciam ter desejado perpetuar. Dessa forma, distinguem-se dos padrões prescritos pela generização da cultura e pelo viés literário utópico-romântico.

Observando como a volubilidade do narrador machadiano responde ao cinismo da sociedade brasileira de fins do século XIX e complexifica a rede de significações do enlace entre forma narrativa e conteúdo social, o texto de Machado faz-nos repensar a divisão simplista entre o masculino e o feminino, contribuindo para o questionamento do sistema sexo-gênero e aproximando a perspectiva de desidentificação da mãe e do corpo fecundo da mulher a um discurso marcado pela alegoria (no sentido benjaminiano). Com isso, a chave da leitura/escrita da identidade nacional brasileira é desconcertada e afastada de qualquer concepção idônea e estável.

#### **“As margens e a escrita literária: Hilda Hilst”**

Profª Drª Vera Queiroz (UFF) ([arepo@tropicalbr.com.br](mailto:arepo@tropicalbr.com.br))

A produção literária de Hilda Hilst compõe-se no cruzamento entre vida, obra, constrições sociais, produção e recepção que interferem no produto final e conferem-lhe novos significados. Sua obra, assim, vai além da radicalidade temática ou da extremada qualidade literária, para se constituir numa transgressão aos limites, seja do que se espera da alta literatura, seja dos valores morais burgueses, quando se trata de sexo e de erotismo. Além disso, Hilst veio a público inúmeras vezes para, em entrevistas intempestivas, clamar contra os editores que não publicam suas obras, ou não as divulgam de modo a encontrar o grande público pagante, que possa garantir-lhe vendas suficientes para viver do ofício, razão que oferece para a escrita dos livros “de bandalheiras”, o primeiro dos quais, *O caderno rosa de*

Lori Lamby, causou certo espanto quando de sua publicação, em 1990, levando a autora a justificá-lo em função de um público ávido por sexo, embrutecido pelos clichês da mídia e que dificilmente leria, ou compraria, seus livros “sérios”. Todo esse “distúrbio” criado em torno das obras obscenas de Hilst parece fazer parte de um conjunto de questões que apontam para as condições de produção e recepção das obras, de que igualmente participam as constrictões de gênero.

#### **MESA REDONDA 6: História e exclusão**

tarde de sexta-feira, 26 de julho

coordenadora: Vera Queiroz ([arepo@tropicalbr.com.br](mailto:arepo@tropicalbr.com.br))

#### **“As vozes de Calabar e a voz de Calabar: uma reflexão sobre o discurso histórico”**

Elzimar Fernanda Nunes (UnB) ([elzimar@wgo.com.br](mailto:elzimar@wgo.com.br))

No início da década de 1970, Chico Buarque e Ruy Guerra escreveram uma peça sobre Domingos Fernandes Calabar, homem considerado traidor pela história oficial por ter ajudado os holandeses a conquistarem parte do Brasil no século XVII. *Calabar, o elogio da traição* foi construída seguindo a técnica da apropriação: Buarque e Guerra apoderaram-se das vozes de diversos historiadores, com o intuito de questionar a legitimidade que lhes é conferida enquanto portadores da memória coletiva. Se a história oficial condenou Calabar e outras personagens sem lhes dar voz, a peça recriou ficcionalmente as vozes destas personagens marginalizadas e rebaixou as vozes dos historiadores. Contudo, Buarque e Guerra mimetizaram o discurso histórico e optaram por não dar voz a Calabar, devolvendo à coletividade a tarefa de refletir sobre sua própria memória.

#### **“Casa-grande & senzala e A menina morta: patriarcados”**

Josalba Fabiana dos Santos (UFMG) ([josalbas@ig.com.br](mailto:josalbas@ig.com.br))

*Casa-grande & senzala* (1933), de Gilberto Freyre, e *A menina morta* (1954), de Cornélio Penna, constituem versões completamente diversas do patriarcado nacional. Freyre vai trabalhar com a idéia de uma harmonia reinante entre os moradores da casa-grande e os escravos pertencentes a sua intimidade, harmonia que teria possibilitado a miscigenação entre as raças ou que seria o resultado da miscigenação, não importa a ordem. Por outro lado, Cornélio Penna toma caminho completamente diferente. Ambientando sua narrativa numa fazenda cafeeira às margens do Paraíba na segunda metade do século XIX, o autor lançará sobre as relações entre senhores e escravos um clima de revolta latente. Ou seja, o que para Freyre constitui a fundação de uma nação, para Cornélio não se viabiliza, pois há uma ruptura irreparável na origem: a escravidão.

#### **“Olhar de fora/olhar de dentro: reflexões a partir da percepção da alteridade em *O turista aprendiz*, de Mário de Andrade”**

Profª Alejandra Mailhe (Universidad Nacional de La Plata) ([ijbalsa@isis.unlp.edu.ar](mailto:ijbalsa@isis.unlp.edu.ar))

Parte de uma pesquisa maior (que considera as continuidades e rupturas na representação da alteridade na literatura brasileira, na passagem de entre-séculos aos anos vinte), este trabalho reflete sobre a representação do outro / da cultura popular no ensaio *O turista aprendiz*, de Mário de Andrade, tentando pôr em evidência tanto a originalidade quanto os paradoxos e armadilhas que se interpõem na sua apreensão da alteridade.

Concebendo o texto como espaço “arlequinal” (de integração tanto de materiais culturais heterogêneos quanto de sujeitos de enunciação e gêneros discursivos múltiplos e fragmentados), nossa análise sublinha as diversas modulações (de distanciamento e até de paródia) através das quais Mário cria um ponto de enunciação “novo”, longe das manipulações da alteridade praticadas tanto pelo romantismo exotista quanto pela “objetividade” do ensaísmo antropológico finissecular. Quebrando essa tradição ideológica, o texto aprofunda o



conhecimento do outro graças à posta em evidência do caráter subjetivo (e portanto “construído”) dessa representação, e à explicitação de alguns paradoxos que condicionam toda viagem do intelectual às culturas populares.

Porém, nossa leitura também procura desmascarar no texto os limites ideológicos não conscientes, visíveis na sobrevivência de certos traços próprios da herança romântica e folclorista, tais como a essencialização da cultura popular, a atualização de estereótipos do “povo” próprios dos discursos de entre-séculos, ou a idealização do “primitivo” que, no fundo, legitima um novo olhar exotista sobre o mundo americano.

### **“Leitura como inclusão social”**

Ana Maria de Oliveira (UFSM) ([anamaria.o@terra.com.br](mailto:anamaria.o@terra.com.br))

Em sociedades como a nossa, cujos traços característicos são a exclusão e o autoritarismo, as oportunidades culturais não chegam de igual forma a todas as camadas sociais. E de maneira mais difícil a literatura, por se tratar de arte escrita e que conta com o poder de uma boa imaginação, sem ter a seu favor o recurso da imagem, da cor e outros. Além disso, o consumo de livros no Brasil é baixíssimo.

Isso tudo não acontece em um contexto isolado. Desde a colonização sofremos um processo cruel de segregação das camadas sociais, o qual permitiu (e ainda permite) a alguns, não só o acesso, mas a detenção dos produtos culturais eruditos, e legou a outros, de maneira tirânica, apenas uma parte da cultura, a qual chamou pejorativamente de popular.

Alguns teóricos, como Antonio Candido, dizem que as camadas populares não lêem os clássicos porque não têm oportunidade de tê-los nas mãos. E mais, que “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (1995). Assim, a literatura propicia vivenciarmos e debatermos o nosso tempo, à luz de vivências anteriores, buscando explicações nem sempre possíveis.

Experiências feitas em diferentes épocas e lugares comprovam que a boa literatura tem alcance universal e que condição econômica não é pré-requisito para sensibilidade e percepção. As minorias que possuem as condições para adquirir obras literárias nem sempre têm capacidade de apreciá-las, visto que muitas vezes adquirem livros por vaidade ou por simples questão numérica. Esta é uma atitude prepotente e esnobe, uma vez que denuncia a falta de interesse real pela literatura.

Assim, proponho-me a tecer considerações sobre as camadas populares e o acesso à literatura relatando observações e experiências vivenciadas com um grupo de educandos e educandas de 7ª série, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cel. Raul Oliveira - Santa Rosa/RS. E, também, com educandos e educandas do Ensino Médio do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos e Cultura Popular Paulo Freire, pertencente à rede pública estadual.